

QUANDO HERACLITO
PARECIA OLHAR O SER (II)

Einmal ist Keinmal. Uma vez não conta. Uma vez é nunca. A história da Boémia não se vai repetir uma segunda vez, a história da Europa também não. A história da Boémia e a história da Europa são dois esboços que a inexperiência da humanidade traçou. A história é tão leve como a vida do indivíduo, insuportavelmente leve, leve como uma pena, leve como uma poeira que esvoaça, como algo que vai desaparecer amanhã.

KUNOERA — *A Insustentável leveza do Ser.*

1. Terá hoje ainda sentido dizer-se a palavra que fala do homem?

Não lembrará a sua invocação a nostalgia de um tempo resolvido, já terminado no ciclo do seu acabamento feito?

E a sua evocação não será, por isso mesmo, o apelo retórico a uma modernidade já ida, que prolongamos em desejo inútil?

Quando o homem já nasce expulso da terra e se torna em ser-a-mais num mundo que aparece, parecendo lugar de exílio.

Quando o engenho e a força da «geringonça» invadem abruptamente o horizonte do Ser e a sua pregnância totalizante parece contaminar toda a cultura instituída»

Estamos então cada vez mais próximos da absoluta *leveza*, do quase-não-estar-aqui em nenhum lugar.

Quando a razão produtiva se torna rentabilidade maximizada, força omnívora, macro-estrutura que vorazmente dissolve a negação, desfaz a dúvida, no bloqueio totalizado de toda a perplexidade feita pergunta. Pergunta que pergunta o Ser e se pergunta como deriva oscilante, errância insegura, caminho incerto.

Quando tudo isto se tornou alicerce inabalável de uma programação consumada, terá sentido ainda dizer-se a palavra que fala do homem?

Quando se habita a sombra difusa, a duplicidade cinzenta de personagem avulso.

Quando na posição de figurante que vê sem poder-olhar, na *insólita* situação de assistir à festa do mundo em retirada, sem silêncio para ouvir a palavra que se faz esperança.

Estamos então cada vez mais próximos da leveza absoluta, que se fez quase-suportável.

2. No imaginário que fica nas costuras do tempo e no avesso das gentes, falamos muitas *vezes* do que não-é, nem está presente, do que já foi e se perdeu, da ausência ida e sem recurso.

Mas, outras vezes também, falamos antes do que não-é, nem nunca foi, como se fosse ou tivesse sido alguma vez na sua plena e total inteiridade.

Como se o discurso enquanto pura expressão de referência desse ser ao Ser e preenchesse o seu ocultamento, ou o lugar esvaziado da sua presença esquecida.

Como se o discurso, outras vezes ainda, fosse a imagem feliz ou a representação conseguida que exactamente apresentam o que verdadeiramente é, ser, pensar, ou fazer, que estão mesmo aí no seu irreduzível preenchimento, na sua efectiva e certa concreção.

Como se o discurso tivesse substituído a prece no seu pensado ou impensado desejo de presença e de comunhão partilhada.

3. Ser dissolvido, diluído, ser definhado na espessura compacta de uma massificação contundente, esmagadora, o homem

não é hoje senão lembrança vaga, memória fluida, que só têm lugar na «estória», no [*ait~divers*], no diz-se, no ouvir dizer, no que se conta, dito fugaz de que se entretece o acontecido feito notícia.

Estamos no tempo de um presente que não dura mais que o tempo de ver «uma poeira que esvoaça»♦

Somos o-ainda-não, ou o-ainda-nunca.

O passado tornou-se desmesura, na sua enormidade disforme, ou conforme, lugar mítico de ocupação na remetência sucessiva de uma fundação originária.

À procura de um tempo desocultado constroem-se histórias, dizeres, que dizem o ser que foi, o ser contado como narrativa interminável

Este deslizamento para trás e para diante preenche e totaliza a leveza do presente no seu quase-ser.

Mas *este* quase-ser é também, de outro modo, ser-a-mais na densidade desmedida de um mundo insólito na sua radical estranheza. Coisas e números, objectos-sujeitos e sujeitos-objectos, circulam velozmente, multiplicam-se e dilatam por dentro o horizonte deformado e conformado de ter-de-ser-assim.

Como se o entardecer fosse o breve intervalo de poder--quase-ser.

Breve *bntermezzo* em que tudo volta a anoitecer na pesada distância da clareira que nenhum caminho certo poderá descortinar, ou desocultar*

4. A clareira tornou-se apenas em sinal obsessivo que brota de um desejo insuportável, infeliz, improdutivo, ineficaz, que fica só na margem queimada, ressequida, de poder-quase-ser de outra maneira que não esta.

Assim vamos quase-sendo, sonhando ser amanhã, lembrando quase-ter-sido ontem. Como se «agora» fosse uma estranha espera, feita de uma paragem-passagem. Pequeno intervalo sumido entre o quase-ser do-ainda-não e o quase-ser do ter-sido-já, mesmo quase-agora.

É que o próprio «agora» é apenas quase-agora, como suspenso na expectativa morna, amolecida, perdido que foi o próprio ser **da busca e da partida**.

Não se trata da espera que espera a esperança, mas da espera em que se passa o tempo, no entretém, na curiosidade das pessoas que se tornam coisas contáveis, contáveis e ditas na proximidade lúdica que preenche o tempo que só parece livre» É como jogar ao berlinde sem ser criança, sem mesmo nunca o ter-sido.

É a espera do fazer-de-conta, que só não faz de conta que é nada, porque o preenchimento imaginado, repetido, exorciza precisamente todo e qualquer Nada.

O Nada foi definitivamente expulso, como o Ser expurgado da sua aleatória ou necessária presença.

Sem Ser, sem Nada, somos, por isso, o quase-ser na sua suportável e impensada leveza.

5. A água do rio passará várias vezes, voltará de novo, trazendo consigo a tecnologia sagrada em dia de primavera, sem dor nem culpa, como se levar o avesso do progresso ou do retrocesso, ou até de coisa nenhuma, lhe fosse completamente indiferente.

A água do rio é essa coisa inerte que está aí, é saco de lixo que ninguém poderá despejar. É o lugar do contentamento que nunca se fez descontente, é essa coisa-aí, trivial, banal, na sua coactiva presença, é lugar para estar ou não-estar, mas que pouco poderá interessar a quem parece quase-não-estar aqui em parte nenhuma.

Heraclito sorriu ou fez que sorriu, voltando quase tristemente para dentro da história.

Nessa história dizem que ele percorreu o olhar do Ser e do Outro, como se o Uno tivesse em si a multiplicidade absoluta de tudo quanto é.

Esse Uno que é tudo e que é o próprio Ser, sendo na diferença e na negação, desfez-se nas costuras de um mundo ao contrário, de um mundo esquecido e de um homem perdido no seu destino de quase-ser.

É essa leveza que, afinal não se sente leve, mas espessa, pesada, viscosa, é essa leveza que inacreditavelmente se tornou quase-suportável.

O problema é conseguir tornar insuportável, insustentável, essa leveza.

O problema é conseguir que o homem se reencontre como ser-no-mundo, como ser capaz de escutar a palavra do Ser, a palavra do seu desvelamento, a palavra que o revela como abrangente e totalizante compresença.

Quando Heraclito parecia olhar o Ser...

Maria Carmelita Homem de Sousa

RÉSUMÉ

QUAND HERACLITE SEMBLAIT REGARDER L'ÊTRE (II)

Ce texte est une méditation sur le sens de la parole qui parle de l'homme aujourd'hui.

Un homme exilé du monde, qui maîtrise et domine presque la totalité de l'être, mais en se rendant l'esclave de soi-même et de ses projets. Le triomphe d'une Raison calculatrice rentabilisée par son efficacité propre se tourne contre le sens possible du questionnement qui met en jeu la parole de l'Être.

L'Être *apparaît* dans une radicale légèreté, dans une mutabilité toujours mouvante et tournante, sans poids ni direction. «Comme une poussière qui s'envole, comme ce qui va disparaître demain».

L'étant néantise le centre de son être propre par la médiation de l'homme qui reste dans l'oubli suprême.

La légèreté se rend alors supportable.

L'étant s'abîme dans la parole qui le dit profusion présente et richesse infinie.

La retraite de l'Être s'évanouit dans la mémoire.

Héraclite revient en souriant mais la tristesse de son sourire rentrera dans le silence de l'histoire.

Le regard de l'Être qui est le même et l'Autre, le regard de l'Un qui comporte en soi la multiplicité transfinie, le regard de la négation et de sa force, paraît se perdre dans les marges d'un monde à l'envers.

La question c'est de le retrouver.

Retrouver la négation de la légèreté de l'Être et la rendre insoutenable.

ABSTRACT

WHEN HERACLITUS SEEMED TO OBSERVE THE BEING (II)

This text is a meditation about the meaning of the word which tells about today's man.

A man exiled from the world, who controls and masters beings almost completely, but who becomes a slave both to himself and to his projects. The triumph of a calculating Reason made rentable by its own efficacy turns against the possible meaning of the questioning that activates the word of the Being.

The Being *appears* in radical lightness, in permanently moving, turning mutability, without either weight or direction. «Like dust that rises in the air, like something that will vanish tomorrow's Beings turn the center of its own being into nothing through the mediation of man, who remains in supreme oblivion. Then lightness becomes bearable. Beings plunge into the word that expresses it as present profusion and endless wealth. The Being's vacillation vanishes in memory.

Heraclitus comes back smiling but the sorrow of his smile will enter the silence of history.

The Being's gaze, which is the Same and the Other, the gaze of the One that contains in itself transfinite multiplicity, the gaze of the negation of its strength, seems to go lost on the banks of an upside-down world.

The question consists in finding him again.

To find the Being's negation of lightness and make it unbearable.